

Jacques Lacan

Seminário 25 - o momento de concluir

5.1 - intervenção de Soury em 17 de janeiro de 1978 - números e cadeias

Comentário de Jairo Gerbase em 12/05/00

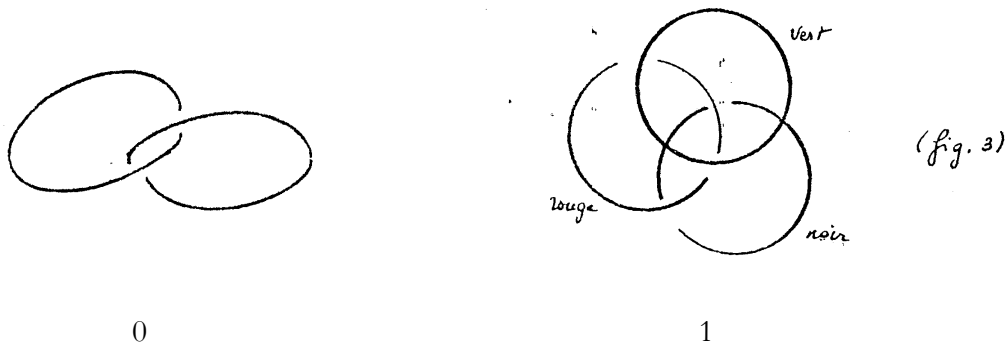
1] Trico

É preciso estar familiarizado com os léxicos. Na ocasião, é preciso passar da cadeia significante, com a qual estamos familiarizados, à cadeia borromeana, com a qual começamos a nos familiarizar. Dito de outro modo, é preciso passar da clínica do significante familiar à estranha clínica borromeana ou clínica tórica.

O fato de que o ser vivo seja um trico, de que seja tórico, seja um bastão furado, o fato de que o ser vivo tenha um furo bucal e outro anal e que tenha algo que enche o interior de seu corpo, não deixa de ter relação com o 0 e o 1.

Em que medida o 0 é um furo? Foi essa pergunta que levou Lacan a convidar Soury para intervir, nessa aula do seminário, acerca da consistência do 0 e do 1.

Soury começa propondo uma analogia entre o número 0 e a cadeia de dois círculos, e o número 1 e a cadeia de três círculos.



No sistema de números, o 0 é o elemento neutro e o 1 é o elemento gerador:

$$[0 + 0 = 0] \quad [1 + 1 = 2].$$

No sistema de cadeias, o 2 é o elemento neutro e o 3 é o elemento gerador:

$$[2 + 2 = 2] \quad [3 + 3 = 4].$$

Quer dizer, pode-se obter todos os números a partir do número 1 e não se pode obter nenhum número a partir do número 0. Pode-se obter todas as cadeias a partir da cadeia de 3 círculos e não se pode obter nenhuma cadeia a partir da cadeia de 2 círculos.

Isso é uma exigência de sistematização que vale para os números, para as cadeias sobretudo borromeanas e para o sintoma topológico; vale, enfim, para todo signo do real.

Tenho proposto o léxico "sintoma topológico", para nomear o sintoma que cumpre a função de uma rodinha ou de um toro em uma cadeia borromeana.

Posso por isso dizer que o sintoma é um algarismo, uma cifra, um número, um signo do real. Mesmo no caso de uma fobia, que é um sintoma que se forma e se dissolve exemplarmente no simbólico, há nele um *strange loops*, um giro singular, uma ilusão escheriana, uma improvisação bachiana ou uma incompletude gödeliana que indica que sua configuração depende fundamentalmente da face real do inconsciente. Por isso o simbólico, ou a palavra não pode dizer muita coisa do sintoma

topológico, dos números, da aritmética, das cadeias, do real. Para dizer alguma coisa deles é preciso utilizar a escrita. A palavra e a escrita não portam a mesma coisa.

A operação de enlaçamento das cadeias se comporta como a operação de adição dos números e da operação de formação do sintoma. Isso é a clínica tórica. Na cultura matemática, o número 1 [e a cadeia de 3] é o elemento gerador ou exemplar. O número 0 [e a cadeia de 2] é o elemento neutro ou degenerado.

Há muita importância nos casos neutros ou degenerados, assim como há muita importância nos casos exemplares ou geradores. O que é sistemático e não sistemático depende de se os casos degenerados são ou não são excluídos. Há sistematização quando se *inclui* e há não-sistematização que se *exclui* os casos degenerados.

É clássico dizermos, por exemplo, que o delírio paranóico é sistematizado. Em uma clínica tórica isto quer dizer que o sistema delirante inclui os casos degenerados. Isto é um exemplo de atualização de um léxico. Dizer que um delírio é sistematizado, na clínica do significante, significa apenas dizer que se trata de um discurso ordenado, metódico, o que é insuficiente para a eficácia do ato analítico.

2] A cadeia degenerada

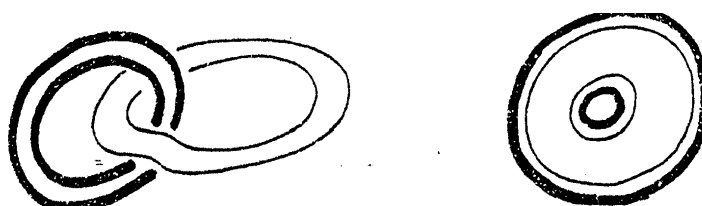
Há três razões para se denominar a cadeia de dois círculos de cadeia degenerada.

1) A cadeia de 2 é o elemento neutro do enlaçamento, ou seja, não engendra nada novo.

2) A cadeia de 2 é a degeneração da propriedade borromeana, ou seja: em um conjunto cada elemento é indispensável; quando se retira um elemento o conjunto não se sustenta mais; cada elemento sustenta todos os outros; todos os elementos sustentam o conjunto; a propriedade borromeana é automaticamente realizada, logo, a cadeia borromeana degenera em dois.

Em um enlaçamento de 3 círculos, a propriedade borromeana pode ser Verdadeira [V] ou Falsa [F], ou seja, não é automaticamente realizada. A rigor, a propriedade borromeana só existe na cadeia de 3, porque somente lá se pode verificar ou não a propriedade borromeana.

3) Na cadeia de 2, um círculo é o reviramento de um outro círculo, ou ambos têm a mesma proximidade ou vizinhança; ambos têm a mesma superfície; um é o desdobramento do outro, o que se denomina de puro desdobramento ou pura complementação. Essa cadeia de 2 círculos corresponde a uma cadeia de 2 toros e essa cadeia de 2 toros corresponde a um desdobramento do toro.



Contudo, não é evidente que 2 toros enlaçados sejam o desdobramento um do outro, como não é evidente que o pneu seja o desdobramento da câmara de ar. O pneu e a câmara de ar são 1 toro desdobrado; o pneu e a câmara de ar são o desdobramento de 2 toros; o pneu e a câmara de ar são duas versões de um mesmo toro. Sendo 2 toros o desdobramento um do outro, não é evidente que seja igual a 2 toros enlaçados.

A cadeia de 2 toros é degenerada porque se pode dela dizer que 2 círculos é igual a 2 toros enlaçados e igual a 1 toro desdobrado. A cadeia de 2 é principalmente degenerada porque o 2 desses 2 círculos é igual à divisão do espaço em 2 metades. E aí caímos na geometria plana, no *mos geometricus*, na geometria euclidiana.

A partir da geometria projetiva, leibniziana, euleriana, möbiana, kleiniana, a partir das estruturas topológicas que escapam dos limites da épura, os diversos círculos de uma cadeia não representam mais

uma divisão do espaço em várias partes, enquanto que na geometria euclidiana esses dois círculos representam a divisão, a repartição, a separação do espaço em dois.

É nesse sentido que é preciso atualizar os léxicos e familiarizar-se com os novos léxicos. É a condição de passagem de uma clínica do significante a uma clínica tórica, uma clínica de cadeias borromeanas de toros. Por exemplo, é preciso atualizar o léxico sujeito posto que ele conserva algo da noção de repartição do espaço em duas ou mais partes.

3] *Desimplicar toros*

Só se pode desimplicar um toro de outro por intermédio do corte. Não se pode desimplicar por reviramento. Por perfuração [*trouage*] também um toro não se desenlaça, não se desimplica.

Fazer um corte é mais do que fazer a perfuração e fazer a perfuração é mais do que fazer um reviramento, logo fazer um corte é mais do que fazer um reviramento.

Pelo corte se desimplica o interior e o exterior, mas por reviramento não se desimplica a complementaridade do I e E.

